

LER PARA HABITAR, ESCREVER PARA CONSTRUIR A CIDADE

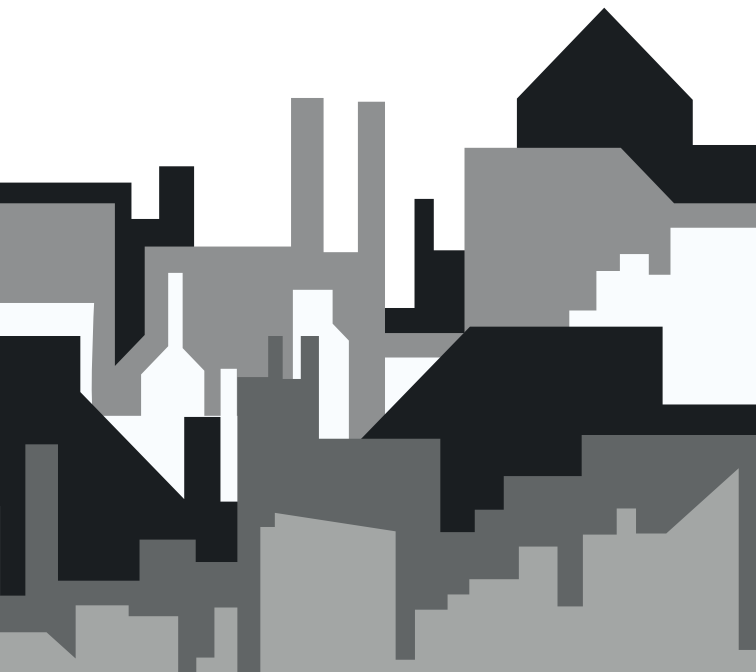
Paul Berssey | ORGANIZADOR

Carmine Carano
Carol Assunção
Charles Marques
Cristina La Rosa Requena
Élida Ferreira Martins
Felipe Diógenes Ramos
Fernanda Fernandes
Javier Galindo
Joana Coelho
José Manuel Gómez González
Maria Eduarda Cruz Oliveira
Mateo Hernández Llanos
MoBa NePe Zinid
Patrícia Honório
Patrícia Vilde Lopes
Samuel Medina
Sufang Luo
Wander Ferreira



LER PARA HABITAR, ESCREVER PARA CONSTRUIR A CIDADE

Paul Berssey | ORGANIZADOR



Ler para habitar, escrever para construir a cidade

Diz Abraham Chinchillas, escritor mexicano, no texto introdutório que ele fez para a antologia que publiquei alguns anos atrás: «*bucear en las páginas de una es siempre una aventura*». Hoje estou usando essas palavras por serem adequadas também para este momento, pois mesmo que aquela de 2015 tenha passado por outros processos, mergulhar entre os textos desta publicação me fez pensar que, talvez, a aventura só mudou de endereço.

Tenho a responsabilidade de explicar a razão da realização deste livro, mas para fazer isso será necessário contar um pouco mais sobre mim. No Brasil, faço parte de uma comunidade migrante e, como muitos outros migrantes, tive dificuldades desde a minha chegada. Por estar nessa condição, encontrei na escrita um refúgio e também uma maneira de entender os hábitos, *las calles* e até aos próprios cidadãos dessa capital que vou desvelando *poco a poquito* nos últimos cinco anos.

Porém, tudo o que poderia escrever aqui representaria apenas uma pequena parte da complexidade que há dentro do acúmulo de vozes dessa comunidade feita de várias culturas e costumes distintas das mineiras. Facilmente, a minha voz se perderia em qualquer *rincón*. Inclusive, poderíamos dizer que qualquer voz do Brasil, ou de outras regiões do mundo, poderia desaparecer no meio do caos inevitável que se repete em cada cidade.

Assim surgiu este projeto, a partir da ideia de escrever devido à necessidade de compreender o entorno que compartilhamos, migrantes e belorizontinos, e pela necessidade de dar visibilidade às vozes que não querem se perder, porque têm algo importante para dizer sobre a sua memória, a sua experiência ou sobre os seus desejos para o lugar onde escolheram viver.

Para detalhar mais sobre o que há entre estas páginas, poderia dizer que a aventura está ao mesmo tempo fragmentada e intensificada, que talvez apareça fantasiada ou

inesperadamente mudará de forma. Não obstante, devemos ter em mente que a trama, mesmo que possa contar com diversos personagens e cenários e possa ser contada de muitos jeitos distintos, é somente uma: Belo Horizonte.

As micro ficções que há neste livro, nascidas da criatividade e talento dos participantes da oficina que teve o mesmo título, poderiam ser lidas como fragmentos mutantes da cidade, mas também exigem o direito de serem compreendidos como inteiros. Eu acredito nesse direito, assim como acredito na beleza singular de cada gota de água que, sendo um fragmento de algo maior, pode ser suficiente para representar a chuva. É interessante pensar a cidade como chuva: nos resguardar dela (ou nos refugiar nela) é indício de que nos afetou. Sempre vai nos afetar. E invariavelmente, com o passar dos dias entre seus prédios e praças, a cidade habitará na gente, talvez mais do que a gente poderá habitá-la durante várias gerações.

Tenho certeza de que antes desta publicação, o leitor pôde ter lido a cidade no trajeto até o trabalho, em fotografias ou em outros livros, numa conversa com café na mesa, ou em qualquer outro momento do dia enquanto a habita. Agora faço o convite para lê-la através do olhar de dezoito autores que a constroem com cada palavra escrita aqui, mexem com a BH que se levanta e transforma em nosso imaginário e que sempre poderemos projetar de volta para a materialidade.

A essa altura do texto, não vou agregar muito mais; acho que já estou me opondo demais à essência mesma da publicação. Assim, sem haver conseguido seguir aquela premissa monterrosiana de tirar *una línea a cada día* enquanto preparava estes parágrafos, tentarei manter a esperança de que as minhas palavras sirvam ao leitor mais do que o entediei. E se não for o caso, por sorte ainda teremos a beleza das gotinhas que vêm anunciando a chuva. *Pásele a lo barrido.*

Paul Berssey

História breve da folhinha

Dava voltas no céu.

Avistou, enquanto isso, soldados italianos voltando da guerra no outono. Nada mais de guerra! Percebeu a Samara cada vez mais longe do poço, até sorrindo. Nada mais de esconderijo!

Dava voltas no céu.

Viu também uma plantinha brotar. Estava justo no meio do concreto. Não parecia com a rosa do Pequeno Príncipe, ninguém havia cuidado dela, ninguém havia dedicado um monte de tempo a ela. Mesmo assim, ela insistiu e floresceu.

Deu voltas, mais uma ou duas ainda. Pensou: será que ser um deles, dos que estão na cidade, é isso: dar voltas pelos bairros ou brotar no meio do concreto?

Repousou no colo da grama.

Carmine, 31 anos. Natural da Itália | reside em Belo Horizonte desde 2022.
carmine.carano.c@gmail.com | @carmine_carano

A minha vida é esta

Sem subir Bahia descí Floresta. Floresta que é mais para selva de pedras que de árvores, mas consegue entregar beleza aos meus olhos. Caminhei sobre o Ribeirão Arrudas. Arrudas como as folhas cinzentas, boas para digestão, proteção e purificação. Tóxicas se utilizadas em excesso, não dá para tomar banho de descarrego nessas águas. Águas que desembocam no rio das Velhas. Velhas? Como a vizinha de minha avó, que pulou do nono andar do hotel na Praça Rui Barbosa na esperança de ir ao céu antes de espatifar o corpo no chão. Chão como este de asfalto que atravesso na Guaicurus enquanto cruzo olhares com miradas desnutridas, porém fascinadas pelo entorpecimento. Entorpecimento como aquele da boemia que sobe as escadas estreitas e nada secretas da rua em que se vendem corpos e calor, mas onde vovô taxista criou as filhas, hospedou moradores passageiros e escondeu subversivos no Hotel Luz. Luz, nome-homenagem à cidadela natal. Natal como o nascimento da gente e do menino Jesus, que só ele na causa para dar conta desse tanto de humanidade trabalhadora, desconsolada no ponto de ônibus. Ônibus como aqueles das linhas 9402, 9502, 9405, que pego na rua dos Caetés para voltar à minha Floresta depois do expediente. Ou o 9104 ou o 9410, em frente à Igreja São José, rumo ao Sagrada Família. Tão sagrada quanto o pôr do sol visto da Praça da Estação ou da rua Sapucaí quando saio do trabalho com o dia claro e a tempo de voltar a pé sem medo... *Medo* que não tenho *de ser feliz* e por isso eu gosto de samba. Samba como o da Sapucaí carioca que tem brilho de alegria, *plumas e paetês* e nenhum *doente dos pés*. Pés como os meus, que descem Floresta para subir o elevador de serviço em vez da Bahia. Bahia como a de todos os santos. Só eles unidos na causa para dar conta do nosso desconsolo.

Carol Assunção, 1980. De volta a Belo Horizonte há menos de um ano, após mais de uma década vivida em

Brasília e cerca de três anos em Paris. | @carol_assuncao_

Caminhada

Do lado de fora da estação, dois ônibus e alguns carros pequenos esperam o sinal abrir, enquanto eu e mais algumas pessoas atravessamos a rua. A senhora que vai na direção contrária à minha, ajusta ao ombro a bolsa. O senhor que esperava a luz verde para pedestres ao meu lado, com expressão cansada e abatida, caminha devagar, conversando com outro colega. Apesar da pressa, eu não quero correr, apenas andar um pouco mais rápido.

Tento avistar o relógio, no ponto mais alto do Museu de Artes e Ofícios, mas não consigo, está escondido atrás das árvores da Praça da Estação. O sol do meio-dia não me deixa outra alternativa a não ser evitá-lo o máximo possível. A sombra na calçada do Centro Cultural UFMG me acolhe, enquanto caminho na direção da Praça Rui Barbosa. A rua está vazia. O sinal que um segundo antes era verde para pedestres, ficou vermelho.

Acelero o passo. À minha esquerda um ônibus acabou de virar a esquina e vem na minha direção. Não consigo entender o motivo da discussão entre os indivíduos no banco mais próximo de mim. Nenhum dos outros bancos próximos estão vazios, mas ao menos não há discussão. Uns cochilam, outros observam, muitos dormem.

Chego à Avenida dos Andradas, semáforo vermelho, olho para o relógio. Me recuso a acreditar que me atrasei tanto, deve estar adiantado, só pode. Verde. Caminho rapidamente até o outro lado da rua, sem deixar de observar que as fontes de água no centro da praça estão desligadas, deve ter acontecido alguma coisa, ou talvez não. O trecho restante é tranquilo. Reclamo comigo mesmo que o sol está quente, quente demais. Chego à Biblioteca Pública Infantil e Juvenil com a esperança de que a chuva forte venha logo. Para acabar, nem que seja por um momento, com este mormaço que me abala.

La cigarra

Cédula de Identidad: 6261927

Dirección: Calle Los Borges 3240, Árbol 13, Rama 45.

Ocupación: Llamar a la lluvia.

¿Trabaja actualmente?: No, fui despedida porque en la ciudad de los humanos andantes han pasado casi 200 días sin llover.

¿Alguna enfermedad?: Desafinación, por eso mi canto no llega a los tímpanos de las nubes.

¿Algún otro comentario?: Sí, ¿será que hay otro trabajo para mí?

Entrevista 1250: Cigarra en busca de otra oportunidad.

Cristina La Rosa Requena, 1989. | Venezolana, escritora, poeta | residente em Belo Horizonte há 7 anos.

| @cristinalarosarequena

Por que não?

Acordei no meio da Praça 7. Mas isso não é nenhuma novidade, sempre estou por ali, no meio – no meio dos hippies que vendem miçangas, no meio dos moradores das marquises. No meio dos tabuleiros de damas, dos engraxates, dos milhares de transeuntes que desde cedo começam a rumar para suas obrigações. Me levantei. Dei alguns passos e já estava logo junto de um pessoal agrupado em torno de alguém que gritava ao microfone algo sobre direitos trabalhistas, reformas governamentais e a necessidade de se alimentar o pessoal que estava por ali e observava atento, esperando. Mas eles não pareciam segurar nenhuma garrafa de café ou saco de pão, então me afastei.

Perto dali, um pastor usava o gogó para pregar a salvação.

– Ei, você! – Estaria ele falando comigo? – Se você se converter, não vai lhe faltar o pão! Não vai faltar nada não, meu irmão!

Ele também não parecia estar carregando nenhum pão. Nem peixe. Dei as costas. Ao meu lado, um outro alguém já iniciava a sua gritaria:

– Compro ouro! Avaliação é grátis!

Passou uma moça que se assustou. Eu ri. Ela era bonita. Mas, obviamente, nunca ia olhar para mim. Meu corpo ainda estava mole pela cachaça. E se ela me olhasse, certamente veria um esgar ao invés de um sorriso. Os dentes faltando, a boca suja... Não, ela não olharia.

Caminho mais uns passos. Do outro lado, ali na frente do prédio que antes foi o *Psiv*, escuto:

– Foto na hora! Foto!

Muita gente passa apressada e não compreendo bem porque estão correndo, embora, um dia, eu já tenha corrido também. Estendo minhas mãos diante de uma senhora bem vestida. Ela desvia como se fosse pegar uma doença. Tento abordar um senhor que vai calmo. Ele não me deixa abrir a boca. Desvia e aperta o passo. Meu corpo tomba ligeiramente. Quase esbarro em uma moça que dá um pulo. Não acho que exagerei na cachaça. É o estômago que está fraco. Resolvo gritar também, afinal, é o que todos estão fazendo. Solto o verbo enquanto estico a mão perto de um homem que vende arma. Ele não fala, mas todo mundo que vem aqui sabe. E espero. Estou cansado. Talvez hoje – por que não? – possa ser melhor do que ontem. Talvez hoje, algo es quente o buraco no fundo da minha barriga. Talvez... Por que não?

De mudança

Esqueço as ruas antigas e organizo um mapa para viver pequeninas novas alegrias.
Caminho catando belezas: encontro-me numa formiguinha amareluza na rua da Paz.
Agora a rua da Paz mora em mim.

Felipe Diógenes Ramos, 1988. Mestrando em Estudos Literários (UFMG), autor dos livros *Nuvens* (Patuá, 2024) e *O esquecimento das coisas* (Patuá, 2020) | @felipediogenesh

Trajetos

A fachada da Serra. Cenário no teatro da arena urbana.

Na Contorno, as árvores em sequência repartem ao meio suas copas, dando passagem aos fios. Uma mirra no parapeito ergue-se longamente, a mostrar sua rama ao sol.

Alaranja o céu na cauda do dia.

Na Sapucaí, trilhos de sol e flerte capturam telas nos prédios e nas pernas das ciclistas.
Da fresta do asfalto, o limbo da folha me olha
e nele eu toco o horizonte.

Fernanda Fernandes (1979) | moradora de Belo Horizonte, poeta, mãe e defensora pública.



Oficina na Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte. Setembro/2024. Fotografia: Bárbara Amaral



Oficina no Centro Cultural Liberalino Alves de Oliveira. Março/2025. Fotografia: Bárbara Amaral

Pedacinho de céu

Tinha algumas cidades atravessadas na garganta. Meu modo de encarar as lembranças de cada um desses pedacinhos de céu era perambular pelas ruas sem fim que há em cada uma delas. As pálpebras dos meus sentidos doseavam os ímpetos do meu coração com o perfeito modo de sentir a ausência do lugar prezado, pedacinho de lembrança que desemboca na boca do estômago e me deixa desejoso de mais experiências: O mercado, as pessoas, os cheiros e os barulhos circundantes...

O valor de sair por aí sem um sentido, sem noção nem nação. Assim foi o meu percurso pela vida: Uma viagem de observação minuciosa, entretida com os sons ao redor...

Almas se aglomeram nas ruas da zona leste, meu bairro, meu mundo que é a minha esquina, meu lar desenfreado de momentos... Sacolas de supermercado inclinam o corpo de quem as carrega, na medida de seu peso – com e sem cores, com e sem descanso todos levam seus alimentos graças ao seu trabalho.

O meu trabalho sempre tem sido carregar nas minhas lembranças, com e sem sacolas, o desejo e a maneira de fazer vibrar cada pessoa que conheço com o seu próprio pedacinho de céu.

Javier Galindo (1979). Ator, roteirista, diretor, produtor e músico colombiano. Atualmente é cantor, produtor e compositor da banda Unión Latina (2005); produz e compõe trilha sonora para teatro e projetos audiovisuais; personifica o Dj. Valderrama e é criador do projeto Circuito Latino (2012); trabalha como ator independente e é fundador do Teatro 171 (2008)



A Criatura Moderna

Era um dia de sol e ar fresco. Prometia diversão. As meninas se reuniam na casa de uma – desta vez, até aquela que vinha do sul. Havia o brilho doce e persistente da infância, acompanhado das descobertas adolescentes. Antes, a vista do bairro. Descer os morros, subir outros, pular as raízes das árvores, desviar das carroças, sentir o cheiro das horas que precedem a sesta. Também garantir os cumprimentos aos velhos conhecidos dos parentes. Ouvir deles as notícias, “*Fulano* disse que também tá de alergia”.

Por fim, a chegada. E logo o alívio – interrompido por um cheiro ácido e ardente de levar à ânsia.

– Que cheiro é esse?

– É meu vizinho, seu Aterro.

– Aterro?? Que nome mais estranho!

E do vão entre os pilares de concreto, um olhar. Fragmentado, como se feito de partes. Construído, descartado, amontoado. O grito das garotas cortando o ar. O desespero ao perceber a criatura. De aspecto humano, mas gigantesca. Nos olhos, a expressão de dor e loucura. Ao aproximar: uma montanha de lixo.

15

Joana Coelho, 1999. Professora e pesquisadora de Literatura (UFMG) | Belorizontina, do Pindorama.
| @jijijioanac

Dançando enquanto choras

Él, refugiado en un territorio delimitado por paredes y recuerdos, escondido en el único rincón donde encuentra seguridad. Ella, errante por tierras donde el pecado es posible, vagando por un universo incierto; como intrusa, entra; así, sin avisar.

Él no se resiste y ♪ *tucutun-tún, tún, tun-tun, ♪ tucutun-tún...* Ella intenta enseñarle sus pasos por las calles, puentes y plazas, puertas y ventanas. Él, con un nudo en la garganta, busca en sus propios movimientos, mientras ella, con tropiezos, busca en su *playlist*.

Y entonces, ♪ *laá-ia, la-ia-la-iaá-la, ♪ laá-ia, la-ia...* Él, reducido a sonrisas por la inesperada visita, sumergido en el ritmo y descubriéndose envuelto en las ropas de concreto y asfalto que ella luce, escucha: Acalma, vamos continuar dançando enquanto choras.

José Manuel Gómez González. Jesuita | gg.josemanuel@gmail.com

A menina-luta

A menina-criança caminhava à noite em meio aos olhares dos prédios frios, como fez em tantas outras. Buscava seus amigos de rua, com quem dividia as estrelas e o sol. A menina-mulher ainda perambulava pelas avenidas. Buscava nas ruas frias alguma companhia que lhe garantisse sobrevivência. A menina-idosa, cansada de tanto buscar, já não sabia mais o que procurava. Agonizava pelas chagas do abandono. Até que foi tornada a menina-morta, que nunca foi buscada. Essa cidade não pertencia a ninguém, muito menos a ela, que ocupou nenhum lugar e viveu de negligências.

– Ela morreu.

– Morreu de que?

– Morreu de desimportâncias.

– Para ela nenhum minuto de silêncio, mas toda uma vida de luta.

Maria Eduarda Cruz Oliveira, 1999. Psicóloga | mariaeduardacruzoli@hotmail.com | @mariaeduardaacoli

Para deter a queda do céu há que lembrar como cantar

O céu está caindo – Falou a mãe para seu filho. Então vamos ter que começar a voar – respondeu Juanito. A mãe escutou, arrumou as malas e começaram a voar. Voaram, voaram e voaram até chegar a BH. No centro da cidade encontraram vários povos que também aprenderam a voar. O céu está caindo – falou a mãe para seu filho. Calma, senhora – respondeu outra mãe – para deter a queda do céu há que lembrar como cantar. A mãe escutou e começou a cantar. Cantou, cantou e cantou até chegar à Praça da Estação, onde muitos a escutaram. Entre aquelas pessoas que a escutavam cantar, se encontrava María, quem chorava, chorava e chorava de felicidade, pois fazia tempo, antes inclusive de começar a voar, que não escutava aquela língua, aquela canção que lhe lembrava a sua avó, seu pai, sua amiga, a seu grande amor. Ao lugar que um dia chamou de lar.

Mateo Hernández Llanos, nascido no ano 1996 em Bogotá, Colômbia. Formado em Ciências Sociais na UFMG. | mat668@gmail.com | @mateostorni

Um passeio

Quase 23 horas. A avenida é a D. Pedro II. Usando minissaia, bustiê e botas de cano alto, desfilo minha pele morena, meus cabelos fartos, meu 1,92m e rebolo quando passa alguém que buzina pra mim.

O horário impõe um trânsito de fluxo menos intenso. Há motoristas que desaceleram como se fossem convergir nessa esquina de um banco. Mas é só a arte do público que xinga palavrões que acredita serem ofensivos a mim. Retribuo mandando beijos ou baixo o meu bustiê. Algumas vezes até consigo um cliente que vem no carro de trás e se encanta com meu silicone bem dosado e que me é tão caro.

A calma noite normalmente me brinda com um pai da tradicional família mineira, o qual vem em seu carro preto e com vidros escuros. Ele sabe definir bem quais deverão ser as minhas tarefas e, como um pai presente, me leva para um passeio.

MoBa NePe Zinid, 1962. Servidora pública estadual aposentada. Professora de Português como Língua Estrangeira. Escritora de obras infantojuvenis. Natural de Belo Horizonte-MG, onde reside atualmente.
| @mobanepezinid



Outra margem

Algo inusitado ocorreu quando atravessava a avenida Teresa Cristina vazia naquela tarde de domingo. Tropeçou e quase caiu em um rio largo de águas límpidas e mansas. Na outra margem, avistou uma canoa com um velho pescando tranquilamente à sombra de um bambuzal. Sob um chapéu surrado de palha reconheceu seu avô. Usava o mesmo paletó no dia em que partiu, há mais de 50 anos.

— Vô — chamou — como é a vida aí?

Silêncio. Insistiu:

— Vô, vem me buscar?

A canoa deslizou pela água. Quando chegou na sua frente, uma mão magra e enrugada se estendeu. Preparou-se, pulou e sentiu o asfalto quente sob os pés. Olhou para trás e viu um imenso painel luminoso piscando: 20 de janeiro de 2150.

Patrícia Honório, 1964. | Jornalista, educadora, nascida em Belo Horizonte

Quilombandear

Hoje a moça chegou para quilombandear.

Na casa de D. Esmeralda pediu: «bêça, mãezinha!», e pôs a se enfeitar com roupas, brincos e colares.

Na casa de D. Luzia o almoço não tardaria, enquanto isso, ouvia boa música, falava sobre Educação e Mudança, e tecia a amizade.

Na casa de D. Ieda só passava; sem entrar.

Já na casa de D. Nair, a matriarca do quintal, ouvia histórias trazidas com a força ancestral.

E assim, ela ia quilombandear, bonita e abençoada, saciada pelos sabores e saberes, atenta: há coisas que só um lugar de tradição pode ofertar.

Patrícia Vilde Lopes | patricia.vildelopes@gmail.com

Helênicos

Duas vezes por dia, o relógio do Museu de Artes e Ofícios, antiga Estação Central, marca 12h. Dia e noite. Dia e noite. Enquanto o sol brilha, os ônibus despejam trabalhadoras e trabalhadores em frente à Praça da Estação. Eles usam o relógio como referência. Ele ainda é o titã que dita seus destinos. Quando as sombras caem sobre Belo Horizonte e o céu se torna breu, outras trabalhadoras e trabalhadores vendem sua força de trabalho para patrões inescrupulosos.

E no alto está o relógio, o tempo a reger suas vidas, suas funções fisiológicas e necessidades. Ele nunca pára, assim como a nossa BH, apesar de tacanha e envergonhada. Sim, é uma capital e por isso mantém um ritmo vertiginoso. Principalmente em seu baixo-ventre.

O Tempo, assim como o Sol, está aí para marcar nossas vidas de Ícaros e Sísifos modernos. Todo dia realizando as mesmas tarefas, vivemos nesse Tártaro chamado “expediente”. Enquanto isso, somos lembrados que em nossos voos devemos planar baixo. E que seja bem baixo. Afinal, logo será o horário de fazer rolar a pedra.

Samuel Medina é escritor, contador de histórias e mediador de leitura. Trabalha na Biblioteca Pública Infantil e Juvenil de Belo Horizonte-MG | @neritosamedia



A tigela

No primeiro dia em Belo Horizonte, Ashui usou logo a tigela: preparou um miojo. Era esmaltada, com tampa – presente da mãe, que dissera: “Saia de casa com uma tigela e a sorte te acompanhará”.

Vendia pequenas coisas na rua. Sempre levava arroz e legumes nela. Um dia, fugindo da fiscalização, deixou-a cair. A comida se espalhou, a borda lascou. A vida era corrida.

Os domingos ela ia à igreja. Gostava da tranquilidade dali. Parecia com a sua casa.

O primeiro encontro com o namorado aconteceu dividindo uma tigela de comida. Casaram-se. Depois, ela levava almoço para ele com a mesma tigela.

Com os filhos, passou a ficar mais em casa. Nos domingos, começou a levá-los à mesma igreja.

No casamento do filho, entregou-lhe a tigela e disse: “Essa é a tigela da nossa família”.

Sufang Luo, 1970. Professora de Mandarim da UFMG | Reside em Belo Horizonte há mais de três anos.
| luosufang2000@gmail.com



Para cego ver, inglês não ver, político dizer que viu e todo mundo pensar que está vendo!

Em suas posições, vigilantes e atentos, sobre pernas torneadas de concreto armado, os prédios assistem ao ir e vir das pessoas. Como sangue que escorre pelas artérias, as pessoas sobem ou descem as veias abertas da avenida Amazonas, buscando alcançar as válvulas do coração da cidade na praça sete ou se encher de prazeres na *praia* da estação.

Inerte e sem poder opinar, o edifício Amazonas e os demais prédios vizinhos veem, entre tantos grupos, as dificuldades que o grupo sanguíneo *DV* enfrenta por causa das barreiras, coágulos arquitetônicos, verdadeiros adversários que precisa, como um craque de bola, driblar para chegar ao gol.

E não é que os prédios que guardam as veias abertas da avenida Amazonas quase saíram da inércia e vibraram sem estímulos de terremotos, quando testemunharam que safenas com veias lado a lado foram esticadas no corpo da avenida, facilitando o fluxo do grupo *DV*! Mera ilusão, pois basta que o dia pense em fechar os olhos para o sono da beleza, para que os capitalistas entupam as veias safenadas com mesas e cadeiras e as irriguem com álcool e gordura, desprezando a cirurgia do bem estar. E para não mais sofrerem com tantas falas e anedotas, se calam, pois já se cansaram de ouvir que melhor não vir com mais problemática, porque, pelo menos por um período, foi conseguida a *solucionática*!

© Atafona, 2025

© Paul Berssey, 2025

© Bárbara Amaral, 2025

Paul Berssey | Organizador e mediador da oficina | bers210@hotmail.com | @paulberssey

Bárbara Amaral | Produtora executiva | barbaraamaral2@gmail.com | @barbara_amaral_narradora

Editor: Mário Santiago

Projeto gráfico: Beatriz Amaral

Fotografia: Bárbara Amaral

Revisão do texto de abertura: André Meyerewicz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L614 Ler para habitar, escrever para construir a cidade / Organizador; mediador : Paul Berssey. - Belo Horizonte: Atafona, 2025.
20 p.

ISBN: 978-65-86805-29-1

1. Literatura. 2. Contos. I. Berssey, Paul.

CDU: 82-34

CDD: B869

Bibliotecária responsável: Gilza Helena Teixeira CRB6/1725

Todos os textos foram mantidos na redação original, com mínimas alterações.

As ideias e opiniões emitidas pelos autores nos textos publicados neste livro são de sua exclusiva responsabilidade.

Este livro foi composto com as fontes Futura Condensed Medium e Impact, impresso em papel Supremo 250g. e Chambril Avena 80g., para a Atafona, em outubro de 2025.

Atafona

Casa editorial dos novos autores

Belo Horizonte | MG | Brasil

Telefone: 55+31 99919.8785

editoraatafona@gmail.com

www.editoraatafona.net







**BELO
HORIZONTE**
P R E F E I T U R A



MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO

ISBN: 978-65-86805-29-1

CDL



9 786586 805291